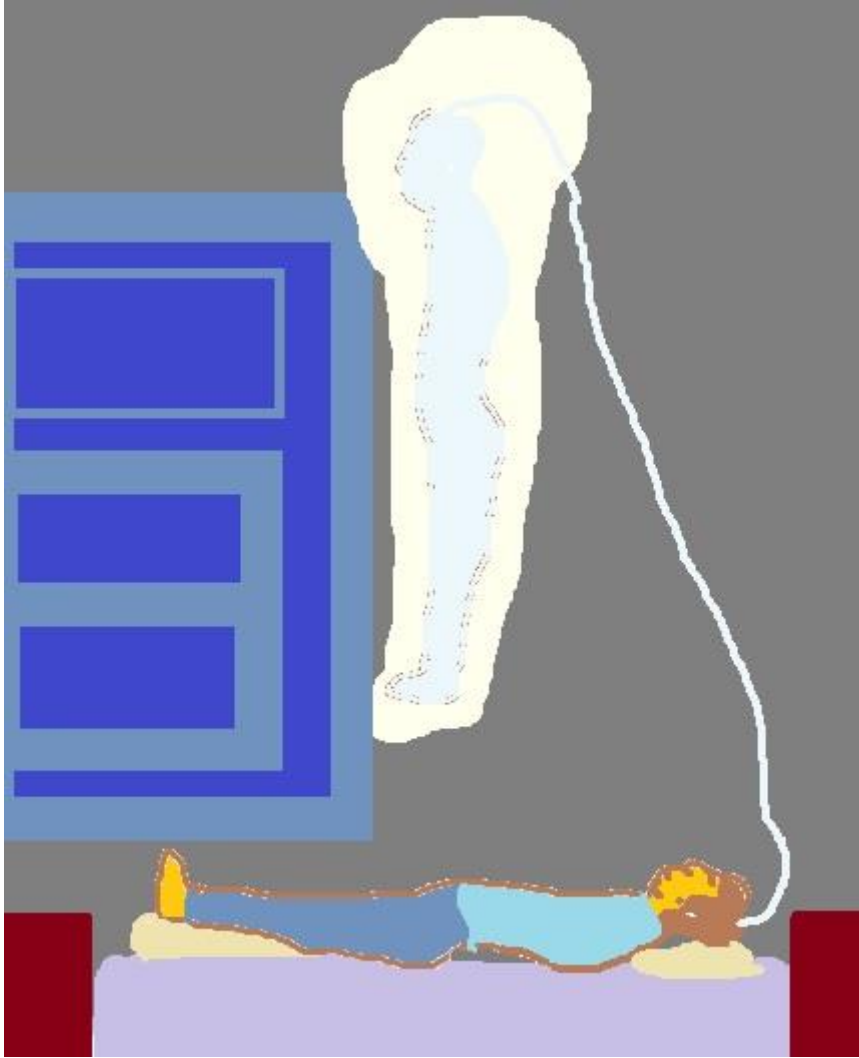


A NOITE E O ESPÍRITO HUMANO



um anônimo

“Se não compreendeis as coisas da Terra, como irei vos explicar as Coisas do Céu?”

(Jesus Cristo)

“Sabemos que o Sol opera por meio de radiações, nutrindo, maternalmente, a vida a milhões de quilômetros. Sem nos referirmos às condições da matéria em que nos movimentamos, lembremo-nos de que, em nosso sistema, as existências mais rudimentares, desde os cumes iluminados aos recôncavos das trevas, estão sujeitas à sua influência. Como acontece aos corpos gigantescos do Cosmos, também nós outros, espiritualmente, caminhamos para o zênite evolutivo, experimentando as radiações uns dos outros. Nesse processo multiforme de intercâmbio, atração, imantação e repulsão, aperfeiçoam-se mundos e almas, na comunidade universal. Dentro de semelhante realidade, toda a nossa atividade terrestre se desdobra num campo de influências que nem mesmo nós, os aprendizes humanos em círculos mais altos, poderíamos, por enquanto, determinar.”

(afirmação constante do livro “Libertação”, de André Luiz)

ÍNDICE

Introdução

PRIMEIRA PARTE: A NOITE

1 – A luz polarizada da Lua

1.1 – Sua influência na vida humana

1.1.1 – Sustentação suficiente do corpo físico durante o sono

2 – Os vegetais: redução da absorção de oxigênio

3 – Os animais: redução da absorção de oxigênio por ocasião do sono

3.1 – Diurnos: sono noturno

3.2 – Noturnos: sono diurno

SEGUNDA PARTE: O ESPÍRITO HUMANO

4– Necessidade das reencarnações

4.1 – Evolução intelecto-moral

4.2 - “*Intelectualização da matéria*”

4.3 – Aprender e ensinar

5 – O sono: libertação temporária do Espírito humano

5.1 – Duração ideal da libertação

5.1.1 – Chico Xavier: ser “*interexistente*”

5.2 – Utilidade do banho antes de dormir

5.3 – Adaptações possíveis no “*mundo civilizado*”

6 – Situações inconvenientes no período noturno

6.1 – Trabalho profissional

6.2 – Atividades intelectuais

6.3 – Lazer desgastante

6.4 – Luminosidade excessiva

6.4.1 – Televisor no quarto

6.4.2 – Exposição à luminosidade da tela de computador

6.4.3 – Exposição á irradiação dos celulares, aparelhos de microondas, aparelhos de ar condicionado etc.

6.4.4 – Alimentação indigesta, bebidas alcoólicas etc.

6.5 – Falta de contato com a Natureza

INTRODUÇÃO

Quando Jesus, o Divino Governador da Terra, esteve encarnado a fim de acrescentar novas informações sobre as Leis de Deus para nossa humanidade, fez questão de dizer que não tinha vindo *“derrogar a Lei, mas dar-lhe cumprimento”*, com isso explicando que se tratava Sua Mensagem de uma Revelação em continuidade ao que Moisés e os antigos profetas do Judaísmo tinham ensinado muitos séculos atrás.

Muitos entenderam o que era a Boa Nova, ou seja, um passo adiante no conhecimento das Leis Divinas, encarando com naturalidade os Conhecimentos que alargavam os horizontes da religiosidade e se propuseram a divulgá-la pelo mundo afora. Todavia, como sempre acontece quando entre em cena o elemento humano da Terra, mundo de provas e expiações, ou seja, em que prevalecem os defeitos morais e não as virtudes, trataram os ambiciosos de estabelecer um sistema de hierarquia, em que eles próprios, disputando postos de comando, se digladiavam e excluía da própria cogitação a Verdade, que diziam representar em nome de Deus, filtrando para o povo, carente de orientação e dominado por vícios e, sobretudo pela ignorância, o Conhecimento, tal como fizeram a maioria dos religiosos profissionais dos tempos mais antigos, ou seja, mantendo em círculos seletos o verdadeiro Conhecimento e ensinando às massas o politeísmo mais grosseiro, a fim de sustentar-se às custas de doações de recursos materiais, num profissionalismo negativo com as Coisas Santas.

Criou-se, então, em certa fase da História europeia, o que depois veio a chamar-se Cristianismo, contrariando o que Jesus tinha programado, pois não fundou nenhuma corrente religiosa, mas sim ensinou o Amor Universal.

Esse corpo sacerdotal profissional desfigurou a Boa Nova, eliminando, por exemplo, a crença na reencarnação (*“Ninguém vê o Reino dos Céus se não nascer de novo”*), na evolução (*“Vós sois deuses; vós podeis fazer tudo que Eu faço e*

muito mais ainda”) e na pluralidade dos mundos habitados (“*Na Casa de Meu Pai há muitas moradas*”).

Com isso, perseguindo e, muitas vezes, matando os que não se lhes submetiam, incentivaram, de forma indireta, a descrença, que desembocou no materialismo mais declarado, que ganhou forma a partir do desenvolvimento filosófico e científico do século XIX e ganhou mais adeptos no século XX, com Augusto Comte, Sigmund Freud e outros tantos.

A industrialização veio trazer inúmeras comodidades ao mundo europeu, absorvidas rapidamente pelas suas ex-colônias da América, da Ásia e do resto do planeta, transformando o estilo de vida das pessoas, cada vez mais distante dos padrões estabelecidos pela Mãe Natureza, que nada mais representa que as Leis Divinas, cumpridas pelos seres em estágio infra humano, ou sejam, os animais, os vegetais e os minerais, sem contar os seres humanos membros do chamado mundo “*não civilizado*”.

Entronizando a “*deusa razão*” e colocando-a no lugar de Deus, desde os idos da Revolução Francesa, pretenderam esses arrogantes “*filhos pródigos*” estabelecer na Terra o “*paraíso materialista*”, pois que se julgavam corpos e não Espíritos, criados por Deus para atingirem a perfeição relativa (“*Vós sois deuses; vós podeis fazer tudo que Eu faço e muito mais ainda.*”)

Embalados pelo conforto dos inventos, que cada vez mais os distanciava da Mãe Natureza, e dominados com a ideologia do “*carpe diem*”, ou seja, a procura desenfreada da riqueza, do poder e do gozo material, foram estabelecendo um estilo de vida que se transformou em quase o oposto do que vigora no mundo espiritual, de onde viemos todos e para onde retornamos ao final de cada reencarnação, pois lá é nossa pátria verdadeira (“*Meu Reino não é deste mundo.*”)

Atualmente, o mundo dito “*civilizado*” vive tão distante das regras da Mãe Natureza que a maioria das pessoas vive muito menos do que poderia viver, vítima do desrespeito às

regras da vida natural, contraindo doenças físicas e psicossomáticas, devastando o mundo vegetal, poluindo os rios e outros cursos d'água, além do ar que é o principal alimento dos seres vivos, extinguindo espécies animais, tudo em prejuízo do ecossistema, o que chega a prejudicar até nossos irmãos marcianos, que, sendo nossos vizinhos mais próximos, blindam o campo magnético do seu planeta com barreiras defensivas, a fim de não serem atingidos pelas emanções psíquicas negativas provenientes da nossa humanidade, ainda, no geral, inclinada para os defeitos morais do orgulho, egoísmo e vaidade.

Sem sabermos, portanto, além de prejudicarmos uns aos outros, incomodamos os habitantes do planeta Marte, mais antigo que a Terra e cuja população é mais evoluída que a nossa, segundo relatos de Maria João de Deus e outros Espíritos.

O Espírito reencarna para evoluir intelectual e moralmente, sendo esse o único objetivo quanto a si próprio, enquanto que contribui para a evolução dos micro seres, que formam seu corpo físico, ao mesmo tempo que, com a convivência com os demais Espíritos reencarnados como seres humanos, animais, vegetais e minerais, ensina e aprende.

Todavia, se é importante essa convivência, caso fossem seguidos os padrões da Natureza, os seres humanos dedicariam apenas doze horas diárias às suas atividades puramente materiais, ou seja, comer, procriar e trabalhar, reservando-se as doze horas da noite para a libertação temporária do Espírito, o qual retorna, pelo sono, ao seu "*habitat*" natural, que é o mundo espiritual.

Todavia, o mundo ocidental, dito "*civilizado*", na verdade, declarada ou disfarçadamente materialista, apesar da religiosidade formal, duvida da realidade espiritual e estabeleceu como padrão de vida das pessoas do mundo "*civilizado*" inúmeras atividades noturnas, ou seja, retirou-

lhes grande parte do tempo que os “*não civilizados*” ainda dedicam à vivência na realidade espiritual.

Comparemos a vida de um Espírito reencarnado ao mergulho de um ser humano no mar: de tempos em tempos deve emergir, pois a quantidade de ar respirável que ele consegue transportar não é suficiente para ultrapassar um determinado tempo de submersão: assim também o Espírito, que precisa, de tempos em tempos, todos os dias, desligar-se parcialmente do corpo físico e “*respirar*” o ar puro da superfície, ou seja, viver e conviver na realidade espiritual.

Como os hábitos “*civilizados*” não permitem, praticamente, ninguém dormir logo a partir das 18:00 horas até às 6:00 horas do dia seguinte, o melhor que cada um pode fazer, em benefício da própria saúde física e do seu interesse em viver e conviver o maior tempo possível no mundo espiritual, é restringir as atividades noturnas ao mínimo possível, reduzindo a claridade artificial durante a noite, se possível, ao máximo e dormindo o mais cedo que puder, a fim de despertar no dia seguinte por volta das 6:00 horas.

O corpo humano necessita da energia direta do Sol para sustentar-se nas atividades musculares do período diurno, ou seja, no trabalho pela conquista do pão de cada dia; todavia, no período noturno, destinado pela Natureza ao sono físico, basta a energia proveniente da luz polarizada da Lua para abastecer o corpo físico, uma vez que o natural é o repouso da máquina orgânica: assim viviam nossos antepassados, que não conheciam a luz elétrica, e, portanto, dormiam logo que anoitecia e ainda vivem aqueles povos que não têm acesso a essa tecnologia, que, apesar de serem tidos como “*primitivos*”, tendem a viver mais e com melhor qualidade de vida que os “*civilizados*”, pois seguem o ritmo da Natureza, que nunca erra.

Infelizmente, todavia, no mundo “*civilizado*”, muita gente trabalha à noite ou exerce atividades desgastantes nesse período destinado ao sono físico, ou seja, não contando com a

suficiente energização corporal proveniente dos raios solares, que, como dito, através da luz polarizada da Lua, são insuficientes para as atividades tipicamente diurnas, com isso adquirindo um forte desgaste físico, o que, a longo prazo, reduz o tempo de vida do corpo e doenças que não ocorreriam se fosse adotado o ritmo da Natureza.

Quando a humanidade da Terra for mais evoluída, ou seja, passarmos a viver os padrões de um mundo de regeneração, as pessoas se preocuparão em ficar mais tempo fora do corpo físico, ou seja, durante o sono físico, aproveitando maior tempo, durante a noite, para tanto e, conscientes dentro da realidade do mundo espiritual, como o mergulhador que passou a respirar o ar da superfície a plenos pulmões, ocupará os períodos diurnos de forma muito mais útil e inspirada pelos altos ideais, na realização do Bem, a fim de transformar o mundo terreno numa cópia muito mais perfeita da realidade do mundo espiritual: então o Reino de Jesus será também “*deste mundo terreno*” e não apenas do mundo espiritual, ou seja, a realidade material estará próxima da realidade espiritual, com os seres encarnados vivendo de forma semelhante à vida no mundo espiritual.

Essa época demorará a chegar, pois muitas mudanças terão de ocorrer, principalmente quanto ao que realmente preveem as Leis de Deus, que nada mais são que as Leis da Natureza, que os seres dos Reinos inferiores seguem à risca e os seres humanos arrogantes querem derrogar e subverter, prejudicando-se, assim, a prejudicando todos os demais seres da Criação.

O que dizemos neste estudo não é fantasia, mas a verdade, que cada um pode verificar observando como vive e os prejuízos que causa a si mesmo.

Se quiser melhorar sua “*qualidade de vida*” não estará apenas adquirindo os novos inventos da tecnologia, mas fará como Sócrates ensinava há mais de vinte e três séculos e Montaigne há mais de quatrocentos anos, ou seja, procurará

seguir as Leis da Natureza, isso sem falarmos em Jesus, que viveu segundo as Leis da Natureza, bastando observar Seus mínimos atos e sua forma de vida.

Faça-se isso e a vida de cada um será muito mais saudável e feliz, sem se estressar se outros preferem autodestruírem-se com um modelo “civilizado” demais, que, na verdade, é a consagração do mais grosseiro materialismo, mesmo que se digam religiosos, pois, no fundo, duvidam da sua própria essência espiritual e, indiretamente, da própria existência de Deus e, por via de consequência, da Perfeição de Suas Leis.

Os prezados leitores poderão observar que todas as vezes em que nos referimos à cultura materialista, ou seja, aquela que não se submete às Leis da Natureza empregamos as palavras civilização e civilizado entre aspas, para chamar sua atenção para a necessidade de se viver segundo essas Leis, que são sábias e perfeitas, pois são as Leis de Deus, sendo que Deus é Sábio e Perfeito e Suas Leis são o reflexo da Sua Sabedoria e Perfeição.

Para finalizar esta Introdução, temos a dizer que o Universo é de uma complexidade digna da Perfeição Divina, programado de tal forma que só gradativamente cada ser vai tomando conhecimento das suas próprias potencialidades e do mundo que o circunda, podendo-se repetir a frase extraída do livro de André Luiz: “*Dentro de semelhante realidade, toda a nossa atividade terrestre se desdobra num campo de influências que nem mesmo nós, os aprendizes humanos em círculos mais altos, poderíamos, por enquanto, determinar.*”

Procuremos vivenciar o Bem, que acontecerá o que Jesus afirmou: “*Procurai, em primeiro lugar, o Reino de Deus e Sua Justiça, que tudo o mais vos será dado por acréscimo.*” Não há outro caminho para o desenvolvimento do Espírito.

Que Deus nos abençoe e a todos os nossos irmãos e irmãs, criados por Deus para o progresso e a felicidade, a fim de que saibamos identificar Suas Leis e agir segundo elas.

PRIMEIRA PARTE: A NOITE

1– A LUZ POLARIZADA DA LUA

No seu livro “*A Caminho da Luz*”, psicografado por Chico Xavier, Emmanuel fala na criação da Lua:

“Nessa computação de valores cósmicos em que laboram os operários da espiritualidade sob a orientação misericordiosa do Cristo, delibera-se a formação do satélite terrestre.

O programa de trabalhos a realizar-se no mundo requeria o concurso da Lua, nos seus mais íntimos detalhes. Ela seria a âncora do equilíbrio terrestre nos movimentos de translação que o globo efetuará em torno da sede do sistema; o manancial de forças ordenadoras da estabilidade planetária e, sobretudo, o orbe nascente necessitaria da sua luz polarizada, cujo suave magnetismo atuaria decisivamente no drama infinito da criação e da reprodução de todas as espécies, nos variados ramos da Natureza.”

Vemos, então, duas finalidades para a existência do satélite natural: 1) contribuir para o equilíbrio no movimento de translação da Terra em torno do Sol e 2) atuação decisiva na criação e reprodução de todas as espécies existentes no planeta.

1.1 – SUA INFLUÊNCIA NA VIDA HUMANA

Como evangelizador que é, Emmanuel aborda o menos possível qualquer tema que não seja estritamente relacionado com a auto reforma moral das criaturas humanas.

Vejamos, porém, o que ele informa em “*O Consolador*”:

Os astros influenciam igualmente na vida do homem?

- As antigas assertivas astrológicas têm a sua razão de ser. O campo magnético e as conjunções dos planetas influenciam no complexo celular do homem físico, em sua formação orgânica e em seu nascimento na Terra: porém, a existência planetária é sinônimo de luta. Se as influências astrais não favorecem a determinadas criaturas, urge que estas lutem contra os elementos perturbadores, porque, acima de todas as verdades astrológicas, temos o Evangelho, e o Evangelho nos ensina que cada qual receberá por suas obras, achando-se cada homem sob as influências que merece.

Acrescentemos: sob as influências que lhe favorecerão a evolução intelecto-moral, quer sejam aparentemente benéficas, quer aparentemente contrárias, pois a Lógica Divina está acima da estreita percepção humana: assim, Espíritos Superiores, muitas vezes, reencarnam sob condições difíceis não por demérito seu, mas para exemplificar a paciência, a humildade e outras virtudes.

Observemos, todavia, que Emmanuel é claro quando afirma: “*As antigas assertivas astrológicas têm a sua razão de ser.*” Assim, quem tem “*olhos de ver*”, que veja e compreenda.

O estudo dessas “*antigas assertivas astrológicas*” tem sua utilidade, tanto quanto qualquer outra ciência relacionada com o ser humano, todavia é importante que, acima de tudo, vise a auto reforma moral, pois simplesmente “*saber*” sem se melhorar espiritualmente costuma ser motivo de perda de muita gente que começa a se interessar pelas ciências

espirituais e se concentra na satisfação de curiosidades inúteis para a própria evolução espiritual e a dos outros.

***“Estudar por estudar”* gera a estagnação, podendo ser uma forma de egoísmo.**

***“A quem muito é dado muito será pedido”*: assim disse Jesus.**

Todo conhecimento tem de ser aplicado em benefício da humanidade e esse é mais um deles.

1.1.1 – SUSTENTAÇÃO SUFICIENTE DO CORPO FÍSICO DURANTE O SONO

A luz polarizada da Lua é suficiente para a sustentação energética do corpo físico durante o sono, mas insuficiente para as atividades tipicamente diurnas.

Quando falamos dessa forma não estamos excluindo a energia proveniente do próprio Espírito na alimentação energética do corpo físico que ele veste, mas, sem a energia que promana do Sol, diretamente, durante o dia, ou através da Lua, durante a noite, não haveria como ele próprio, o Espírito, auto sustentar-se, pois é da Lei Divina que os mais evoluídos alimentem psiquicamente os menos evoluídos e no Sol encontra-se a fonte psíquica que alimenta os seres que habitam o sistema solar.

As Leis da Natureza não podem ser violadas impunemente e, por isso, na atualidade, em que muita gente “troca a noite pelo dia”, seja trabalhando, exercitando o corpo ou a mente ou em lazeres estafantes, indiretamente encurta sua própria vida e candidata-se a doenças de várias ordens.

Sem não fossem esses abusos, cada pessoa poderia viver mais de uma centena de anos em perfeitas condições de saúde, todavia, tal não acontece, sendo um exemplo típico André Luiz, que reduziu seu tempo na carne de vários anos, conforme se pode ver pelo seu próprio relato no livro “*Nosso Lar*”, psicografado por Chico Xavier.

Nossos antepassados, que dormiam cedo e acordavam cedo, tinham muito mais saúde, utilizavam menor quantidade de medicamentos e, quanto aos habitantes de comunidades ditas “*não civilizadas*”, vivem em melhores condições de saúde, porque seguem as Leis da Natureza.

Pensem no que seja útil no mundo “civilizado” e deixemos de lado aquilo que nos prejudique: não sejamos consumistas, que embarcam nos modismos; acomodados aos paradigmas impostos pela classe empresarial, que vive da

fabricação e comercialização de produtos nem sempre benéficos para as pessoas e outras tantas reflexões que devemos fazer.

Idealizam-se conforto e facilidades às custas do prejuízo físico alheio, sem um mínimo peso na consciência, como atividades realizadas no horário destinado ao repouso do corpo e libertação temporária do Espírito reencarnado.

É durante esses períodos de libertação que o Espírito retorna diariamente ao seu verdadeiro mundo, mas isso não interessa a quem não acredita nesse mundo e, principalmente, a quem lucra alto com essa descrença. Isso sem contar a participação ativa nesse processo de alienação, promovido pelos Espíritos das trevas, interessados em retardar a evolução da humanidade, pois *“quanto mais alienadas as criaturas mais fácil é governar sua vida, atrelando-as ao Mal.*

Por essa alienação culposa ou dolosa, André Luiz afirma que, em desencarnando, mais da metade dos encarnados vai direto para o umbral.

2 – OS VEGETAIS: REDUÇÃO DA ABSORÇÃO DE OXIGÊNIO

Não é por acaso que, durante a noite, os vegetais consomem menos oxigênio, uma vez que assim é planejado pelos Espíritos biólogos, para o equilíbrio que propicia a vida no planeta. Tudo é planejado, sendo os seres humanos “civilizados” os únicos a ameaçarem o equilíbrio que vigora na Mãe Natureza.

A presença de vegetais em qualquer ambiente é salutar e não conseguimos entender como muita gente faz questão de viver no meio do concreto, asfalto, grandes vidraças, produtos sintéticos de vários tipos e todo tipo de artificialidades, sem nenhuma noção do quanto lhe é prejudicial à própria saúde física, sem contar que estará deixando de realizar trocas energéticas com seres que lhe são indispensáveis à sobrevivência, como são os vegetais.

Em colônias espirituais como “*Nosso Lar*” todas as avenidas são arborizadas e não simplesmente cercadas de grama rasteira, todas as casas têm jardim e em torno dos edifícios sempre há árvores.

Aprendamos a viver melhor e enquanto não fizermos assim, imitando a Natureza, nunca deixaremos de ser predadores da Natureza.

Tal é a importância da Natureza que os inventos todos são meras imitações do que nela já existe: por exemplo, as asas dos aviões imitam as asas dos pássaros, a agulha de injeção copia as presas das cobras venenosas etc.

Os vegetais são imprescindíveis não só como alimento, mas também para as trocas energéticas, sendo que há Espíritos encarregados da sua guarda e desenvolvimento, como expusemos no livro “*Mãe Natureza*”, que pode ser consultado na Internet em luizguilhermemarques.com.br e na Biblioteca Virtual Espírita.

3– OS ANIMAIS: REDUÇÃO DA ABSORÇÃO DE OXIGÊNIO POR OCASIÃO DO SONO

O número de animais que dorme à noite e, portanto, consome menos oxigênio, representa uma imensa contribuição para a saúde dos seres humanos.

Se é verdade que há animais de hábitos noturnos, tal característica não é natural nos seres humanos.

Tudo tem uma razão superior de ser: sejamos sábios, observando quem nunca erra, que é Deus, O qual estabeleceu Leis Perfeitas.

O livre arbítrio é uma conquista evolutiva do ser humano, mas ele esbarra em limites que a Lei de Causa e Efeito cobra: está a humanidade encarnada da Terra no limite entre o Bem e o Mal nesta época de transição e cada um faz sua escolha, arcando com as respectivas consequências.

Os animais têm sofrido baixas consideráveis, havendo muitas espécies em quase extinção, devido à devastação de florestas, poluição de rios, poluição aérea, alimentação nociva pelo excesso de proteína animal etc. etc.

Os animais estão sofrendo em virtude dos modernos sistemas de criação à base de hormônios para crescimento em tempo recorde, para fins de abate, transferindo-se esses verdadeiros “venenos” aos que os consomem, surgindo uma geração de homens e mulheres em quem as doenças surgirão cedo ou tarde, caso não venham a desencarnar por outros fatores contribuidores do encurtamento das reencarnações.

3.1 – DIURNOS: SONO NOTURNO

Metade dos animais é formada de seres de hábitos diurnos, visando o equilíbrio da Natureza.

Conhecemos mais esses seres, pois convivemos com muitos deles quando reencarnados.

Os seres caracterizados pelos hábitos diurnos são mais voltados para as atividades materiais, sendo úteis nesse sentido, pois não há nenhuma criatura de Deus que seja inútil no contexto de cada mundo ou coletividade.

Aqueles animais com esse especificidade desempenham uma função construtiva voltada, como dissemos, para a materialidade, ou, em outras palavras, a “*inteligência*”, que é uma das asas do Espírito, e, somente muito indiretamente, para a espiritualidade.

Entendamos esta assertiva por comparação aos animais de hábitos noturnos: são dois opostos que se completam.

Pensemos, para entendermos melhor, nos animais diurnos mais evoluídos mais próximos da “*humanização*”: o cão, o cavalo, o elefante, o gato, o asno e o macaco.

3.2 – NOTURNOS: SONO DIURNO

Os animais de hábitos noturnos dormem durante o dia e exercem seu “*trabalho*”, que consiste na reprodução, na própria subsistência e da prole durante a noite.

Sua atuação tem muito mais a ver com a “*espiritualidade*” do que com a “*inteligência*”, ao contrário dos animais diurnos.

A pantera negra, por exemplo, é um desses animais, cujo trabalho tem muito a ver com o socorro nas regiões trevosas.

André Luiz, em mais de um dos seus livros, fala em animais utilizados pelas equipes de socorro no umbral e nas trevas, apenas não dando maiores detalhes para evitar polêmicas, sempre ao gosto dos que preferem discutir, mesmo quando nada sabem sobre determinados assuntos.

SEGUNDA PARTE: O ESPÍRITO HUMANO

4- NECESSIDADE DAS REENCARNAÇÕES

Muito mais importante do que desenvolver a própria inteligência é aprimorar a própria espiritualidade, tanto quanto muito mais útil que contribuir para o progresso intelectual da humanidade é ajudá-la na conquista da espiritualização, pois o que define mesmo a sintonia espiritual superior é o nível de engajamento no Bem.

Há intelectual desarvorados, viciosos, criminosos, desajustados espiritualmente, constituindo-se num triste espetáculo a vida íntima da maioria dos seres humanos, porque constituída em torno dos interesses puramente materiais.

Caminhando pelas ruas das nossas cidades vemos pessoas aparentemente tranquilas, mas, quando visualizamos o painel interior de suas consciências, ali estão estampados surdos desesperos, vícios de várias ordens, defeitos morais graves e outras formas de infelicidade.

Sem investimento na própria espiritualização a vida dos encarnados é um inferno declarado ou disfarçado e, em passando para o mundo espiritual, o caminho é o umbral ou as trevas, de acordo com a sintonia mental.

O objetivo principal das reencarnações é a aquisição da espiritualidade, ou seja, da desmaterialização do próprio perispírito, o que se consegue apenas à custa de dedicado esforço na auto reforma moral, com o conseqüente trabalho em favor do Bem da humanidade.

O caminho vem traçado pelos Ensinamentos dos grandes mestres, mas pode ser resumido no *“Amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.”*

Dediquemo-nos a cumprir tarefas no Bem, mas nunca nos esqueçamos da oração e da meditação, pois tudo isso tem de ser conjugado, a fim de transformar cada ser humano num *“deus”*, a que Jesus se referiu, ao mesmo tempo em que

mostrou a rota: “*Sede perfeitos, como vosso Pai, que está nos Céus, é perfeito.*”

A vida dos trabalhadores do Bem no mundo material é referta de empecilhos, pois são perseguidos pelos encarnados trevosos e pelos desencarnados filiados ao Mal, mas compensa seguir adiante, uma vez que, se por um lado encontram opositores ferrenhos, recebem uma proteção compatível com seu grau de dedicação ao Bem.

Chico Xavier dizia que havia dias em que julgava que fosse enlouquecer tamanha a pressão espiritual que as Trevas lhe endereçavam, mas compensava esses sofrimentos com a alegria de enxugar lágrimas de sofredores e necessitados e, assim, sua vida transcorreu de forma útil para sua própria evolução e como um verdadeiro paradigma para a humanidade inteira.

É necessário reencarnarmos, a fim de contribuirmos para o despertar espiritual dos encarnados que vivem em função da materialidade por não acreditarem que são Espíritos, bem como para fortalecermo-nos na procura da nossa própria espiritualização.

Mudemos o foco dos nossos interesses, passando, cada vez mais, a trabalhar no setor mental, ao invés de simplesmente material: assim estaremos nos preparando para bem viver no mundo espiritual, após a desencarnação.

4.1 – EVOLUÇÃO INTELECTO-MORAL

Emmanuel concentrou sua atenção na evangelização das criaturas, sendo esse um excelente referencial, pois o desenvolvimento intelectual já está entregue aos professores, cientistas, filósofos, políticos, juristas etc., que, na sua maioria, guerreiam uns aos outros e induzem, pelos maus exemplos, ao orgulho, ao egoísmo e à vaidade.

A inteligência é muito fácil de desenvolver-se, bastando o ser humano viver, seja em harmonia, seja em conflito com os demais seres, enquanto que a espiritualidade é um valor muito mais requintado, aperfeiçoado, difícil de ser alcançado, mas de muito maior importância, pois proporciona a felicidade, que é o patrimônio mais importante do Espírito, esteja ele encarnado ou desencarnado.

Das duas asas do Espírito a que deve ser maior é a da espiritualidade: não devem ter a mesma dimensão e força, mas sim do jeito como falamos.

Pensem nisso, pois o voo não é como o dos pássaros, mas imaterial, pela força do pensamento.

Entendamos que esse voo não é físico, mas mental e aí compreenderemos o porquê da afirmação de que a asa espiritual deve ser maior e mais forte!

4.2 - “INTELECTUALIZAÇÃO DA MATÉRIA”

Aqui está demonstrada, de mais uma forma, a interdependência dos seres, pois, ao reencarnar, o mínimo que cada Espírito humano faz em favor dos “*semelhantes*” é impulsionar a evolução dos seres que ainda vivenciam a evolução sob o formato de células.

Pode parecer estranha essa realidade para quem nunca parou para pensar no assunto, mas é da Vontade do Pai que todos Seus filhos e filhas se ajudem mutuamente, sendo, por isso, que todos dependem de todos, queiram ou não.

“*Intelectualizar a matéria*” é a expressão que os Espíritos Superiores utilizaram para esclarecer sobre a influência instigadora que cada Espírito exerce sobre os irmãos menores que lhe compõem o corpo físico.

Na passagem que transcrevemos do livro “*Libertação*” se dá uma ideia da complexidade do Universo e não poderia deixar de ser assim, uma vez que Deus, sendo Perfeito, não criaria nada que não fosse grandioso, a fim de Suas criaturas irem se aperfeiçoando até o infinito.

Francisco de Assis foi o maior divulgador da Fraternidade Universal no seu sentido mais amplo possível, reconhecendo que somos todos irmãos ou irmãs de todas as criaturas de Deus: isso quanto ao mundo ocidental, pois na cultura oriental esses conhecimentos são comuns, fazem parte da vida de todo mundo e nada têm de maravilhoso.

Vejamos porque não devemos nos restringir ao nosso “*pequeno mundo*”, ao estreito círculo das nossas tradições familiares, culturais, religiosas etc., mas devemos ser universalistas, como Jesus ensinou, tanto que não restringiu a Boa Nova ao universo judaico.

Devemos entender o “*Amor ao próximo*” não somente em relação aos seres humanos, mas sim a tudo que foi criado por Deus.

4.3 – APRENDER E ENSINAR

É através da convivência que aprendemos o que não sabemos e ensinamos o que sabemos.

Sem convivência ninguém evolui.

Aconselhamos sempre a leitura da autobiografia de Kaspar Hauser, que é o documento mais eloquente do nível de degradação a que chega um ser humano sem a convivência com os demais: essa lição vale para todos os demais seres.

Mesmo correndo o risco de sermos prolixos, vamos transcrever aqui a referida autobiografia, que realmente convence quem quer que seja:

“A AUTOBIOGRAFIA DE KASPAR HAUSER

INTRODUÇÃO

(Baseamo-nos no texto postado por Elton P., através do e-mail eltonpin@gmail.com, o qual segue abaixo. Solicitamos aos prezados leitores que não se preocupem com as incorreções gramaticais, porque o personagem nunca chegou a aprender a falar e escrever corretamente, devido à atrofia irreversível de determinados centros cerebrais, decorrente do longo período de insulamento que viveu.)

*Segue abaixo a versão integral da autobiografia de Kaspar Hauser. O texto continua à espera de uma edição brasileira, embora seja fonte de interesse imediato de estudos multidisciplinares nas ciências humanas. Fato curioso é o uso corrente (inclusive acadêmico) do filme *O Enigma de Kaspar Hauser* de W. Herzog como base de análise do caso. Como tal, negligencia-se as diferenças fundamentais entre o relato do próprio Hauser e a visão pretendida do diretor: o projeto de tabula rasa mostra-se absolutamente refutável.*

Trata-se da segunda versão da autobiografia de Kaspar Hauser, feita em 1829, com a tradução feita do livro em francês (e não do original alemão). Os desajustes sintáticos e demais erros foram mantidos (tentativa de) de acordo com a versão Kaspar Hauser: écrits de et sur Kaspar Hauser da editora Christian Bourgois. Um exemplo de como busquei evitar o tom formal que uma tradução rigorosa imporia ao texto em português, certo ou errado, foi a opção pelo não uso das ênclises, por diversas vezes. Na medida em que a pressa é inimiga da tradução, e a despeito do esforço empreendido, o cuidado nas passagens das estruturas das frases afasta-se do desejável - de tal forma que aceito de bom grado sugestões fundamentadas de melhorias.

SOBRE A VIDA DE KASPAR HAUSER – ESCRITO POR ELE MESMO

Em fevereiro de 1829, foi produzido uma nova versão da autobiografia de Kaspar Hauser, que Stanhope publica em seus Materiais (1835). “Comunicado ao barão Stanhope pelo Senhor presidente von Feuerbach. Em fidelidade à autobiografia”. As Notificações de Daumer (1831) reproduzem igualmente o texto, precedido do comentário preliminar: “De um terceiro ensaio (de uma autobiografia, K.H.), de fevereiro de 1829, na qual vemos uma maneira de escrever já um tanto mais culta, porém ainda muito natural e ingênua, o que segue é um fragmento” As divergências entre as duas restituições são desconsideráveis.

A prisão, onde eu vivi até a minha libertação, tinha um pouco mais de seis a sete pés de comprimento, quatro de largura e cinco de altura. O chão me parecia de terra batida, do lado atrás duas janelinhas eram cobertas com madeira, que pareciam totalmente pretas. Sobre o chão ficava a palha, onde eu costumava ficar sentado e dormir.

Minhas pernas ficavam cobertas a partir dos joelhos com um cobertor. Sobre o lado esquerdo do meu abrigo tinha um buraco no chão, onde havia um pote; havia também uma tampa em cima dele, que eu tinha de tirar, e que eu sempre tampava de novo. As roupas que eu vestia na prisão eram uma camisa, uma calça curta, sendo que nelas faltavam a parte de trás, para que eu pudesse fazer minhas necessidades, já que eu não podia tirar as calças. Os suspensórios eu tinha por cima da pele. A camisa ficava por cima. Minha comida não era nada além de água e pão; da água eu sentia falta de vez em quando; pão tinha sempre bastante; eu comia um pouco de pão, porque eu não tinha movimentos, eu não podia andar, e nem sabia que podia me levantar, porque ninguém tinha me ensinado a andar; nunca me veio a ideia de querer me levantar. Eu tinha dois cavalos de madeira e um cachorro, com eles eu sempre me ocupava; eu tinha fitas de cor vermelha e azul, com as quais eu enfeitava os cavalos e o cachorro, mas de vez em quando eles caíam, porque eu não podia amarrá-los. Quando eu acordava, o pedaço de pão estava do meu lado, e uma canequinha de água. Primeiro eu bebia água para diminuir a sede, depois comia pão, depois eu pegava os cavalos, tirava todas as fitas, e enfeitava de novo, e continuava assim mais um pouco. Depois eu comia pão, eu queria beber também, mas não tinha mais lá dentro, então eu pegava o cachorro, e queria enfeitar ele, como os cavalos, mas eu não conseguia fazer até o fim, porque minha boca ficava seca demais, eu pegava várias vezes a canequinha na mão e ficava com ela um tempão na boca, mas a água nunca que saía, eu abaixava ela sempre, esperando um pouco, se uma água não vinha de repente, porque eu não sabia que a água e o pão eram trazidos para mim; eu não tinha a menor ideia que lá fora de mim poderia ter mais alguém – Eu nunca vi um humano, nem nunca escutei um deles; quando eu esperava um pouco e nenhuma água aparecia, aí eu me deitava de costas e dormia. Eu acordava de novo, meu primeiro gesto era de procurar

pela água, e cada vez que eu acordava tinha água na canequinha, e um pão aparecia também. A água quase sempre eu bebia ela inteira, aí eu me sentia muito bem, eu pegava os cavalos e refazia exatamente de novo como eu já contei. Geralmente eu achava a água boa de verdade, mas de vez em quando ela não era tão boa, e quando eu bebia, eu perdia todo o ânimo, não comia mais, e não brincava mais, mas adormecia. Quando eu acordava, fazia cada vez mais claridade que antes; eu nunca tinha visto uma claridade do dia como aquela presente. Até que pela primeira vez o homem entrou na minha casa, ele colocou uma cadeira bem baixa na minha frente, um pedaço de papel e um lápis em cima, depois ele pegou minha mão, me deu o lápis na mão, me fechou os dedos e me mostrou como escrever alguma coisa. Ele fez isso várias vezes, até que eu pudesse imitar aquilo. Ele me mostrou de sete a oito vezes; aquilo me dava bastante prazer porque aparecia preto e branco; ele deixava minha mão solta, me deixava escrever sozinho, eu continuava a escrever, e fazia exatamente como ele tinha me mostrado, e repetia aquilo mais vezes. Quando o homem soltava a minha mão eu não sossegava de jeito nenhum e continuava a escrever, não me vinha nenhuma ideia do porquê minha mão perdia a firmeza. Durante esse tempo, o homem ficava atrás de mim observando se eu podia imitá-lo ou não; eu não escutava a saída, nem a chegada dele. Eu ficava escrevendo assim por um tempo e via logo depois que as minhas letras não pareciam com aquelas feitas; mas eu não parava até que elas ficassem parecidas. Aí eu queria beber de novo, porque com a concentração eu não reparava na sede; comia um pouco de pão, pegava os cavalos, enfeitava eles como eu contei ali em cima. Mas eu não podia mais enfeitá-los tão facilmente como antes, porque a cadeira me impedia, que estava colocada na frente e por cima das minhas pernas, e me causava bem mais esforço, porque os cavalos estavam do lado, e eu não tinha tanta compreensão, para que pudesse levantar a cadeira ou colocar os cavalos na

cadeira. Aí eu ficava com bem mais sede, e não tinha mais água, daí eu dormia. Logo que eu acordava a cadeira estava colocada de novo em cima das pernas; meu primeiro gesto continuava sendo o de pegar a água; depois eu comia pão, depois eu escrevia um pouco, pegava os cavalos e o cachorro, quando eu terminava eu bebia o resto da minha água, comia um pouco de pão. Eu repetia isso.

Se eu acordava com o dia, eu não posso afirmar isso, porque eu não tinha noção de dia e de noite. Eu não consigo dizer também quanto tempo eu dormia, de acordo com a minha estimativa atual bastante tempo, minha brincadeira durava bastante, o tanto que eu posso julgar atualmente, quatro horas ou mais. Quando o homem me pegava para escrever, ele não dizia nem uma palavra, mas pegava a minha mão e mostrava como escrever; quando ele pegava a minha mão eu não tinha a ideia de virar a cabeça para ver o homem; isso porque eu não sabia que existia uma figura assim como eu sou uma. O homem veio pela segunda vez, carrega um pequeno livro, coloca ele aberto na minha frente em cima da cadeira, pegou minha mão e começou a falar, ele apontou para os cavalos e disse suavemente: cavalo, várias vezes; até que eu entendesse aquilo eu escutava muitas vezes, eu escutava sempre a mesma coisa; aí me veio a ideia que eu devia fazer também daquele jeito, eu disse também as mesmas palavras, pegou uma fita da mão esquerda e disse mais uma vez cavalo, porque eu não podia pegar com a mão direita, que o homem agarrava; então ele disse várias vezes “segurar isso” e colocou minha mão sobre o livrinho e de repente depois disso no cavalo e balançou ele de um lado pro outro. Isso me deu muito prazer, ele disse fazendo: repetir desse jeito, aí você ganha um cavalo bonito assim do pai. Essas palavras ele repetiu várias vezes, eu não repetia e as escutava por muito tempo, e como escutava sempre as mesmas palavras, comecei a repetir; ele disse talvez sete ou oito

vezes, então eu pude repetir com um pouco mais de clareza, como eu podia repetir com mais clareza, ele apontou mais uma vez para os cavalos, balançou novamente de lá para cá e disse: “aprender isso”, “pronunciar o cavalo, aí você vai ter o direito de fazer assim também”. Nesse momento minha mão estava livre e o livrinho estava parado em cima da cadeira; eu olhava sempre para o livrinho porque ele me dava bastante prazer porque tinha exatamente a aparência do meu papel que eu tinha escrito; eu disse para ele várias vezes por conta própria, eu acabei de beber meu pouco de água, comi um pouco de pão, embalei em seguida os cavalos primeiro bem lentamente e sem barulho, como o homem tinha me mostrado; disse também as palavras aos cavalos; fazendo isso eu fiquei com muita sede, cansado e sonolento e quando eu não tinha mais água eu me deitei no chão e dormi. Quando eu acordei o meu livrinho continuava sobre a cadeira. Eu não vi ele antes de ter bebido água; aí eu escrevi, enfeitei os cavalos e o cachorro, em seguida eu passei a mão pelo livrinho, e eu disse as palavras que o homem havia me ensinado, e apontava ao mesmo tempo para os cavalos, e disse também estas palavras “aprender isso, receber seu cavalo bonito do pai” aí eu apontava as páginas do livrinho e repetia mais uma vez as palavras, depois do que eu passei de uma a outra, sentia de novo sede, acabei de beber minha água, comi um pouco de pão, disse essas palavras mais algumas vezes, e comecei a embalar (os cavalos) pra cá e pra lá; mas balançava tão forte, que aquilo machucou a mim mesmo. Aí o homem veio com um bastão, me bateu no braço, isso que me machucou muito e eu chorava; eu fiquei daí bem quieto e não balancei mais os cavalos. Quando eu chorava muito, queria beber água, eu não tinha mais água, comi um pouco do pão e dormi. Quando eu acordei eu sentei e bebi minha água, depois coloquei bem calmamente as fitas nos cavalos, como o homem tinha me mostrado, e disse as palavras aprendidas aos cavalos, escrevi de novo, depois do que

pronunciei também essas mesmas palavras ao livro, peguei a canequinha, acabei de beber meu resto de água, eu brinquei ainda mais um pouco, fiquei bem cansado e sonolento e dormi. Eu devo ter ainda acordado várias vezes, talvez mais quatro ou cinco vezes, até que o homem me carregou. Na noite em que o homem veio me buscar eu dormia muito bem, acordei e já estava vestido, menos com as botas, ele me calçou, me colocou um chapéu, me ergueu e me apoiou na parede, pegou meus dois braços e os colocou ao redor do seu pescoço. Quando ele me carregou para fora da prisão ele teve de se abaixar, e precisou subir uma colina, talvez fosse uma escada, depois veio um pouco de caminhada, eu já sentia grandes dores e comecei a chorar; aí veio uma montanha grande, quando eu chegava ao fim de um caminho mais alto o homem disse: você deve parar de chorar agora mesmo, ou não vai ganhar o cavalo. Eu obedeci ele, ele me carregou por mais um tanto, eu dormi. Como eu acordei, eu estava deitado no chão, com a cara virada para a terra. Eu mexi a cabeça, talvez o homem viu que eu estava acordado, me pegou, me colocou debaixo dos braços e começou a me ensinar a andar. E como eu devia começar a andar, ele colocou meus pés em cima dos dele para me fazer saber como eu deveria fazer. Eu tive que avançar com alguns passos, aí eu comecei a chorar, eu já sentia uma dor muito forte nos pés, ele disse “você tem que parar de chorar agora mesmo, senão não vai ganhar o cavalo” eu disse “cavalo”, querendo dizer com isso que eu queria voltar bem rápido para minha casa e para os meus cavalos, o homem me disse: “você tem que aprender bem a maneira de andar, você deve se tornar um cavaleiro assim como foi seu pai”. Ele me atormentou de novo com a maneira de andar, eu comecei a chorar porque meus pés doíam muito. Ele disse de novo as palavras: “você tem que parar de chorar agora mesmo, senão etc.” Antes quando ele dizia essas palavras, eu parava sempre bem rápido de chorar; mas dessa vez, porque meus pés doíam demais; aí ele me deitou no chão com o rosto virado para

baixo, e eu tive que ficar deitado um pouco até dormir. Como eu acordei de novo, ele me levantou e disse: eu deveria aprender a andar direito, daí você vai ganhar um cavalo bem bonito, ele me treinou de novo do mesmo jeito da primeira vez. Depois que o homem começava a me falar durante o caminho, ele me colocou várias vezes no chão, porque eu ficava cansado sempre bem rápido. Daí ele começou a dizer:

“Eu gostaria de me tornar um cavaleiro assim como foi meu pai”.

Essas palavras ele me repetia muitas vezes: até que eu pudesse repetir a mesma coisa bem claramente.

Eu comecei a chorar, porque os pés e a cabeça, mas em especial os olhos, me doíam terrivelmente, eu disse: “cavalo”, pelo que eu queria indicar que deviam me levar até em casa com os meus cavalos. O homem entendeu o que eu queria dizer e disse: “logo logo você vai ganhar um cavalo bonito do pai”; eu comecei a chorar, ele me largou, eu continuei a chorar ainda mais; ele disse: você tem que parar de chorar agora mesmo, senão não vai ganhar cavalo bonito, ele me passou alguma coisa de doce na cara, e eu parei de chorar, e dormi. Quando eu acordei de novo, ele me levantou, me treinou, e eu ainda não podia mover os pés sozinho. Quando ele tinha andado uns vinte passos ou mais, eu comecei a chorar de novo, e disse: “eu gostaria de me tornar um cavaleiro assim como foi meu pai”. Aí o homem disse: “se você não parar de chorar, não vai ganhar cavalo”. Então eu parei por um tempo, porque eu me disse que agora eu voltaria para casa e os cavalos, eu acho que isso não durou nem seis passos e eu voltei a chorar de novo; ele me deitou e cada vez que ele me deixava descansar eu dormia de cansaço. Eu acordei, ele me levantou e me treinou, ele dizia as palavras: “eu gostaria de me tornar um cavaleiro assim como foi meu pai”, de novo várias vezes. Nós andamos talvez sete a oito passos e começou a chover, eu

fiquei molhado, comecei a sentir um frio bem forte; eu chorava; porque sentia cada vez mais sofrimento; ele me deitou no chão com as roupas molhadas, eu sentia muito frio, não podia dormir, eu chorei mais um pouco, depois ele passou mais uma vez alguma coisa de doce na cara, e eu dormi sentindo um sofrimento enorme. Assim que acordei de novo, as maiores dores já haviam passado, ele me levantou, me treinou, eu já tinha bastante noção da maneira de andar para poder levantar e abaixar os pés por conta própria. Então o homem disse que eu só precisava me lembrar do jeito de andar “aí você ganha um cavalo bem bonito do seu pai”, e disse assim essas palavras: “você deve também ficar olhando pro chão”, e me inclinava sempre a cabeça pro chão e dizia “se você puder realmente fazer bem assim, aí você ganha o cavalo”. Mesmo sem dizer isso eu nunca olhava para frente, porque os meus olhos me davam muita dor, ele não tinha a necessidade nenhuma de dizer aquilo, mas eu olhava cada vez mais pro chão. Eu comecei a chorar, ele me deitou de novo de bruços, eu continuava a chorar mais ainda; ele me passou alguma coisa doce na cara, eu parei de chorar, e dormi. Quando eu acordei de novo, eu disse “cavalo”, ele me levantou e me treinou, eu disse mais uma vez essas palavras que acabei de dizer, ele devia me levar para casa com os meus cavalos e não me fazer mais mal. Eu fiz talvez trinta passos, até começar a chorar, eu tinha cada vez mais e mais dores pelo corpo, especialmente nos olhos, na cabeça e nos pés, então o homem disse suas palavras de sempre. Aí eu parava antes de mais nada porque sentia muita saudade dos meus cavalos. Ele me conduziu de novo mais um pedaço de caminho, eu já voltei a chorar e disse as minhas palavras. Sobre o que o homem disse “agora você está quase chegando em casa, pros seus cavalos” eu disse também essas mesmas palavras, ele me deitou e eu dormi. Acordando eu disse “cavalo casa”, pelo que eu queria dizer: meus pés estão doendo demais, queria me levar para casa e pros meus cavalos, e pare de me fazer mal.

Sobre o que ele me deitou no chão e disse estas palavras: “agora você já vai ganhar cavalo, mas você tem que parar de chorar”, com isso eu dormi. Eu acordei, ele me levantou e me treinou e eu disse “eu cavalo casa”, eu queria dizer que eu não podia mais fazer aquilo com os meus pés, mas ele me treinou mesmo assim com suas ameaças de sempre. Ele me levou ainda para mais longe, eu sofria cada vez mais. Em seguida ficou noite de repente, eu não podia me lembrar que estava estendido no chão, mas quando ficou claro de novo eu estava deitado no chão, eu disse: “cavalo casa”, com o que eu queria dizer: por que os olhos e a cabeça doem tanto, e continuo sem ganhar meu cavalo. Ele me levantou e me deu água, eu realmente bebi muito e aquilo me refrescou totalmente; eu já estava sentindo sede antes mas não podia pedir água, porque eu não sabia que o homem podia me dar água. Como eu bebi água, meus sofrimentos ficaram bem mais leves. Ele me treinou de novo, eu podia andar um pouco mais rápido, se bem que na minha opinião aquilo ia tão devagar quanto no começo, mas para o homem tínhamos que continuar mesmo que devagar, porque ele sempre colocava os pés para frente. Quando eu andei um pouco, veio de novo muita dor, eu comecei a chorar e disse “cavalo casa”. Ele me consolou: “agora você já está chegando na casa do seu pai”, eu disse: “cavalo casa”. Ele me deitou no chão, mas eu não pude dormir logo em seguida e chorei um pouco e disse: “cavalo casa”, pelo o que eu queria dizer por que então meus olhos continuavam me doendo tanto, com essas palavras e outras eu dormi finalmente. Quando eu acordei de novo, ele me levantou e me levou mais longe ainda. Começou ficar um pouco melhor para andar, na minha opinião, porque o homem não me apertava mais com tanta força, e eu não sentia mais tanta dor nos braços, e o homem disse: “você tem que aprender a andar melhor ainda”; aí ele disse mais uma vez as palavras: “você já vai ganhar o cavalo bonito; porque você sabe andar bem”, e ao mesmo tempo ele colocou

para frente meus pés com os dele e desse jeito ele me fez entender. Eu acho que ele começou a me deixar andar um pouco mais livremente para descobrir se eu já podia andar sozinho; mas eu acho que caí, porque eu não podia levar os pés para frente, e dos dois lados eu senti uma dor brusca, que veio provavelmente do homem que me segurou bem rápido enquanto eu caía. Eu comecei a chorar, ele me deitou e disse suas ameaças, eu parei e dormi finalmente. Quando eu acordei, minha primeira palavra foi: “cavalo casa, eu gostaria de me tornar um cavaleiro assim como foi meu pai.” Ele me levantou, me levou mais longe, eu acho que a caminhada deve ter sido bem melhor, porque de vez em quando eu não sentia mais nenhuma dor debaixo dos dois braços; eu tive que andar um tempo até que começou a chover de novo, daí eu fiquei todo ensopado e sofri bastante com o frio. Eu comecei a chorar e disse várias vezes em seguida: “tu t’en fait saucer”[1], eu comecei a repetir isso: querendo dizer: você me faz muito mal. Ele me estendeu no chão, e eu não pude dormir logo em seguida, porque as roupas estavam todas molhadas, e eu sentia várias dores, ele me passou alguma coisa de doce na cara, e enfim eu dormi mesmo assim. Como eu acordei de novo, ele me levantou, me treinou, eu sentia ainda várias dores, porque eu estava todo ensopado, eu tinha também muito frio. Ele me dizia sempre suas palavras; eu não podia repetir nenhuma, em resposta à longa recitação eu disse a ele: “cavalo casa” etc. eu queria dizer por que então eu devo agora continuar fazendo assim com os pés, isso que me machuca tanto. Ele disse: “se você não chorar mais, aí vai ganhar cavalo do pai, mas andar você precisa aprender direito” : Eu comecei a chorar, aí ele me deitou no chão e com as palavras cavalo e outras, eu dormi finalmente. Como eu acordei de novo, eu disse as palavras. Ele me levantou, me treinou mais longe, e disse “agora você vai receber seu cavalo, mas você precisa aprender bem a andar”. Ele me levou para mais longe durante um tempo, eu sofria ainda e a noite apareceu, e

eu me senti todo inconsciente. E quando eu acordei, eu me vi deitado no chão, e fazia claro de novo como antes de chegar a noite, ele me sentou, me deu água, que eu bebi com vontade, depois disso eu me senti bem leve; eu acreditei que a metade das dores haviam acabado. Ele também me deu pão, mas eu comi bem pouco, porque eu não tinha fome, ou talvez por causa das dores eu não conseguia comer, água, que ele me deu mais uma vez, me refrescava de um jeito especial. Então ele me levantou, me levou para mais longe, eu podia andar com bem mais facilidade, eu já não tinha tanta necessidade de me apoiar nos braços do homem. O homem me elogiou: “porque você aprendeu bem a andar, vai ganhar daqui a pouco o cavalo”. Eu podia andar sem interrupções algo em torno de 40 a 50 passos, o que não era possível antigamente. Eu comecei a dizer as palavras aprendidas, com as quais eu continuava querendo reclamar do meu cansaço e dores; ele me deitou logo em seguida no chão depois dessas palavras; eu estava muito cansado e sonolento e dormi em seguida. Quando eu acordei, ele me levantou, me pegou pela primeira vez por debaixo de um só braço, me treinou e disse de novo as mesmas palavras, até que eu as tivesse aprendido bem e pudesse repeti-las bem claramente. Ele me atormentou por tanto tempo para continuar andando, que eu recomecei a chorar. Ele me deitou no chão e disse: “você deve parar de chorar agora mesmo”, etc., eu estava muito cansado, e dormi logo em seguida. Eu acordei novamente, ele me levantou, me levou para mais longe. Ele me deitou por outras vezes, para me deixar descansar, até que ele trocou as minhas roupas. Ele me sentou no chão, sem que eu tivesse pedido, me tirou as roupas, me colocou outras, com as quais eu cheguei na cidade de Nuremberg. Enquanto ele tirava as roupas e colocava as novas, ele estava atrás de mim, ele só ficava por detrás. Depois que eu fui vestido, ele me levantou, quis de novo me levar para longe, mas eu comecei a chorar e dizer as palavras aprendidas: pelo que eu queria dizer que não podia mais andar, eu estou

muito cansado, os pés também me doem muito, então o homem disse: “se você não parar de chorar agora mesmo, não vai ganhar cavalo” e assim de repente, mas eu não parei até que ele me deitasse, para que eu pudesse descansar, eu dormi de cansaço. Quando eu acordei eu disse as palavras. O que fez ele me dar água, ela me refrescou tanto que nem posso descrever; ele me levantou completamente e me levou para mais longe, e me dizia sempre as mesmas palavras, até que eu pudesse repeti-las bem claramente. Em seguida ele testou se eu não podia ainda andar sozinho, ele me deixou livre e sozinho e só me segurou pela parte de trás da roupa. Mas eu devo ter caído mesmo assim algumas vezes, porque eu não podia manter meus pés atrás, e sentia uma forte dor dos dois lados. Eu comecei a chorar, e disse as palavras aprendidas, querendo dizer que ele não deveria me fazer tão mal assim. Ele me consolou como sempre e me deitou no chão logo em seguida, e eu dormi bem rápido. Quando eu acordei eu disse as mesmas palavras aprendidas, querendo dizer: o que é isso que fica sempre me causando dor nos olhos, e não para nunca de machucar. Ele me levantou e me treinou e disse: “você tem que aprender bem como andar”, e ele começou de novo a dizer palavras: “na grande cidade, tem o seu pai, que vai te dar um cavalo bem bonito, e quando você também for um cavaleiro, eu virei te procurar”. Então eu recomecei a chorar, ele me deitou, e me deixou descansar. Ele me levantou, me levou de novo para mais longe e começou a repetir suas palavras; eu comecei a repetir tudo. Disso ele disse: “aprender isso e não esquecer”, daí ele disse outras palavras, e me deu a carta na mão. “Mostrar lá onde deve chegar a carta”. “Eu gostaria de me tornar um cavaleiro assim como foi meu pai.” Isso ele me repetia toda hora, até que eu pudesse repeti-las claramente. Eu chorei, ele me deitou e eu dormi de cansaço. Quando eu acordei de novo, ele me deu água de novo, eu bebi, o que estava muito bom, depois ele me levantou, me levou para mais longe, daí ele disse de novo as palavras de sempre, e

ao mesmo tempo me deu a carta na mão, e quando vier um guarda, então você deve fazer assim. A partir do momento de onde ele havia me trocado de roupa, ele me deitou de novo no chão com certeza por mais duas vezes, para me deixar descansar, dizendo sempre as mesmas palavras, para com certeza não esquecer nenhuma. Quando o homem me deixou de pé e me deu a carta na mão, ele disse as palavras mais uma vez, e daí me abandonou.

A PRIMEIRA APARIÇÃO DE HAUSER EM NUREMBERG. DESCRITA POR ELE MESMO.

Eu fiquei de pé no mesmo lugar onde o homem me deixou, até que esse outro homem pegou minha carta e me levou até a casa do senhor capitão. Quando eu cheguei na casa, eu tive por causa de uma forte voz que eu escutei lá, dores muito vivas dentro da cabeça. O empregado doméstico me sentou em uma cadeira e tentou me interrogar, mas eu não podia responder com outras palavras além daquelas que eu tinha aprendido e que eu empregava indiferentemente para mostrar cansaço e dor. Ele me trouxe um prato com carne e um copo com cerveja. O brilho do prato e a cor da cerveja me fizeram chorar, mas só o cheiro me provocou dor. Eu recusei tudo, ele quis me forçar e eu continuei recusando; então ele me trouxe água e um pedacinho de pão, o que eu reconheci imediatamente e peguei com as mãos, comi e bebi. A água estava tão boa e fresca que eu esvaziei três ou quatro copos e me senti bem reconfortado. Depois ele me deitou no estábulo e eu dormi logo em seguida. Quando o senhor capitão entrou na casa, me acordaram, eu vi seu uniforme e seu sabre, eu me espantei e fiquei alegre e quis que eles tivessem que me dar uma coisa assim tão brilhante e bela. Eu disse: “Eu gostaria de me tornar um cavaleiro assim como foi meu pai”, pelo o que eu queria dar a entender que eles deviam me dar aquela coisa assim brilhante e bela. Ele começou a falar e tão

alto que aquilo me doeu no corpo todo, eu comecei a chorar e disse essas mesmas palavras, então eles me levaram até a polícia e esse foi o meu caminho mais doloroso. Quando eu cheguei, havia lá muitíssimos homens, e eu me espantei e não sabia o que aquilo poderia ser, daquele jeito, eles falavam o tempo todo e muito alto, aí eles me deram um tabaco de cheirar, que eu tive que introduzir no nariz, aquilo me fez muito mal e eu comecei a chorar, porque eu tive terríveis dores na cabeça. Eles me atormentaram de novo com todo tipo de coisa, que me causavam dores terríveis e eu continuava a chorar. Quando eu já estava há um certo tempo na polícia, um falou de novo tão alto que eu senti mais dor ainda. O mesmo me levou acima de uma elevação ainda maior, era a escada, ele abriu a porta, que fez um barulho estranho e foi só lá que eu pude descansar. Mas eu chorei ainda mais um pouco até que eu dormisse, porque tudo me machucava, mas enfim eu dormi assim mesmo.

Quando eu acordei, eu escutei alguma coisa que me espantou tanto e que eu escutava com tanta atenção, porque no meu estado anterior eu nunca tinha escutado algo assim. Essa atenção, eu não consigo de jeito nenhum descrever. Eu escutava por muito tempo, mas pouco a pouco eu não escutava mais nada e a atenção se perdeu, eu senti dores nos pés. Eu percebi que eu não sentia mais dores nos olhos e por que eu não sentia mais? Porque não era mais de dia, isso que para os meus olhos era o maior alívio. Mas além disso eu sentia dores no corpo todo, particularmente nos pés. Eu me sentei, eu queria pegar minha água para aliviar a sede, que eu sentia; eu não vi mais a água e o pão no lugar eu vi o chão, que tinha uma aparência diferente do meu abrigo antigo. Eu queria olhar ao redor de mim para achar meus cavalos e brincar com eles, mas não tinha mais, sobre o que eu disse: “eu também queria me tornar um cavaleiro, como foi pai” pelo o que eu queria dizer: para onde foram os cavalos a água e o pão. Foi aí que eu

percebi o saco de palha, no qual eu estava sentado, que eu observava com bastante surpresa e não sabia o que isso podia ser. Quando eu os observei bastante, eu toquei embaixo com o dedo, eu percebi o mesmo barulho que aquele da palha que eu tinha no meu abrigo antigo, na qual eu tinha o costume de ficar sempre sentado e também de dormir. Eu também vi várias outras coisas que me surpreenderam e que não dá para se descrever. Eu disse: “eu também quero me tornar um cavaleiro como meu pai foi”, pelo o que eu queria dizer: o que é isso aqui e para onde foram os cavalos? Eu escutei o relógio soar de novo; eu escutava por muito tempo; quando eu não escutei mais nada, eu vi o forno, que era da cor verde e emitia um brilho.

A isso eu também disse as palavras de sempre, que o homem me havia ensinado, com o que eu queria dizer: que ele venha me dar uma coisa assim tão bela e brilhante; eu disse isso várias vezes, mas não recebi nada. Eu o olhava por bastante tempo; eu disse mais uma vez as mesmas palavras, pelo o que eu queria dizer ao forno: por que meus cavalos continuam a não aparecer nunca? Eu tinha a opinião de que os cavalos tinham ido embora. Eu também tive o pensamento de que quando os cavalos voltassem eu diria: que eles não deviam mais ir embora, eu queria também dizer isto: eles não deviam deixar o pão ir embora também, senão vocês não terão nada. Falando muito assim eu fiquei com muita sede e como eu não via mais a água, eu me deitei e dormi. Quando eu acordei, eu senti aquelas mesmas dores nos olhos, daquelas que eu senti no caminho da cidade, pois quando eu acordei, era dia, e porque a claridade do dia me dava muita dor. Eu comecei a chorar e disse: “eu quero me tornar um cavaleiro como pai é. Mostre aí onde endereço carta”, pelo o que eu queria dizer: por que isso me dói tanto os olhos? Tirem isso que me causa tanta dor nos olhos, me deem agora mesmo os cavalos e parem de me atormentar, eu escutei a mesma coisa que eu tinha escutado da

primeira vez mas eu ainda achei mesmo assim que era outra coisa porque eu escutava mais alto; não era portanto mais a mesma coisa, mas no momento em que ele soava a hora, tocavam os sinos. Esses eu ouvia por muito tempo, mas pouco a pouco eu escutava cada vez menos e como minha atenção tinha acabado, eu disse essas palavras: “mostrar onde endereço carta”, pelo o que eu queria dizer que eles deveriam me dar uma coisa assim tão bonita e parar de sempre me atormentar assim. Eu fiquei deitado por um longo tempo; o homem não me levantou mais, eu me sento, eu percebi que estava no mesmo lugar; aí eu pensei o seguinte logo em seguida: que eu não sentia mais as dores nos olhos e eu escutava também a mesma coisa. Enfim eu me levantei; eu me chateei imediatamente; pois meus pés estavam doendo terrivelmente. Eu voltei a chorar e disse as palavras aprendidas; pelo o que eu queria dizer: por que então os cavalos continuam não vindo e ainda me deixam sofrer assim? Eu chorei por muito tempo e o homem não aparecia mais. Eu dizia as palavras, eu queria dizer: por que então agora eu não devo mais aprender a andar. Eu escutei soar o relógio, aquilo me trás metade das dores, sobre o que o pensamento que em breve os cavalos voltariam me consolou.

E durante esse tempo, quando eu escutava, um homem se aproximou de mim e me perguntou todo tipo de coisas, eu talvez não lhe dava respostas porque minha atenção estava dirigida naquilo que eu escutava. Ele me pegou pelo queixo, me levantou o rosto, com o que eu senti uma dor terrível nos olhos por causa da claridade do dia. Sobre o homem eu vou falar agora, ele estava fechado comigo, sobre o que eu não sabia, que eu estava trancado. Ele começou a falar, eu escutava por bastante tempo, e escutava sempre outras palavras, então eu disse as minhas aprendidas: “mostre aí onde endereço carta” – “que quero me tornar um cavaleiro, como pai é”, pelo o que eu queria dizer: que então era isso que me fez doer os

olhos quando você me levantou a cabeça. Mas ele não me entendeu, o que eu tinha dito, com certeza ele entendeu o que as palavras queriam dizer, mas não aquilo que eu quis. Ele largou minha cabeça, se sentou ao meu lado e continuou me questionando; apesar disso o relógio começou a soar; eu levei minha atenção para o que eu escutava naquele instante e eu devia ouvir o homem por muito tempo; ele me pegou pelo queixo, virou minha face para ele, e deve ter me perguntado o que eu escutei assim, mas eu não entendia, o que ele disse; eu lhe disse: “eu quero me tornar um cavaleiro” etc. pelo o que eu queria dizer que ele devia me dar uma coisa tão bonita, mas ele não me entendeu, aquilo que eu queria, ele continuava sempre a falar; eu comecei a chorar e disse: “cavalo casa”, pelo o que eu queria dizer, que ele não devia continuar me atormentando com palavras, tudo me machucava. Eu chorei por muito tempo; eu sentia grandes dores nos olhos, a ponto de não poder chorar mais. Eu fiquei sentado sozinho por muito tempo. Então eu escutei outra coisa, que eu escutava com tanta atenção que eu nem posso dizer. O que eu escutava era o trompete imperial, mas eu não o escutei por muito tempo, e quando eu não escutei mais nada, eu disse: “cavalo casa”, que deviam também me dar algo tão bonito. Então o homem veio até mim e disse várias vezes bem lentamente as suas palavras, eu repetia depois dele; ele disse: “você não sabe o que é isso?”, que lhe disse mais vezes essas palavras, pelo o que eu queria dizer: que eles deviam me dar bem rápido os cavalos e não querer mais me atormentar assim. O homem tomou nessa hora a caneca de água que estava debaixo de mim, mas eu estendi meu braço até ele e disse: “cavalo casa”. O homem me deu logo em seguida a caneca, me deixou beber; quando eu bebi a água, me senti tão leve que fica difícil de descrever. Eu exigia dele os cavalos e disse: “cavalo casa”, e ele disse várias vezes: eu não sei o que é isso que você quer, eu também disse de novo as palavras, mas eu já não podia mais repetir de forma clara, e disse “eu não sei” e com o cavalo em casa

eu queria dizer, que ele devia também me dar meus cavalos. Ele não me entendeu, isso que eu quis, e se levantou, foi até o seu canto de descanso e me deixou assim sozinho. Nesse momento o relógio começou a tocar, o que me alegrou infinitamente, tanto que eu esqueci das minhas dores, e sentia saudades do meu abrigo antigo. Agora veio o guarda da prisão Hiltel, ele trouxe a água e o pão, o que eu reconheci na mesma hora e lhe disse: “eu quero me tornar um cavaleiro, como pai é”, pelo o que eu dizia ao pão: agora, você não pode mais partir e nem mais me deixar atormentado assim.

Ele colocou o pão ao meu lado; eu o peguei imediatamente com as mãos; ele colocou água na caneca; colocou no chão. Então ele começou a me questionar. Ele me questionou com uma voz tão rápida, que ele me causou muita dor na cabeça, eu chorei e disse: “eu também gostaria de me tornar um cavaleiro, como pai é”, “mostrar casa”, “eu não sei”, “na cidade grande, lá está seu pai”. Essas palavras eu dizia sem distinção para exigir aquilo que eu queria. O guarda da prisão foi embora, porque não me entendeu, ele entendia bem as palavras, o que elas queriam dizer, mas não o que eu disse com elas e eu não o entendi também, o que ele me disse. Eu comi meu pão, quando eu o levei à boca ele não estava tão duro quanto o outro que eu tinha no meu abrigo antigo. Eu o vi e considerei que era um pão, mas não tinha o mesmo gosto e dureza. Eu comi mesmo assim, porque eu estava com fome, eu o tive por alguns minutos no estômago e comecei a sentir dores fortes pelo corpo, eu comecei a chorar e disse: “mostrar casa”, pelo o que eu queria dizer que não deveriam me fazer tão mal assim e deveriam me levar para lá onde estavam os meus cavalos. Então eu ouvi de novo o trompete imperial; eu escutei e me alegrei bastante porque minha esperança estava que quando os cavalos chegassem eu contaria para eles o que eu tinha escutado. Eu escutei por bastante tempo, eu não ouvi mais nada. Então chegou novamente

o guarda da prisão, trouxe com ele um pedacinho de papel e um lápis. Isso eu não reconheci imediatamente, com o que eu me alegrei enormemente que eu não posso descrever, porque eu pensava: vou ganhar meus cavalos. Ele me deu o papel e o lápis na mão e eu escrevi o que o homem tinha me ensinado, e era o meu nome que eu nem sabia que tinha escrito. Quando eu terminei de escrever eu disse: “eu gostaria de me tornar um cavaleiro, como pai foi”, com o que eu dizia: que eles deviam me dar os cavalos agora. Ele disse alguma coisa com uma voz alta que eu não entendi e pegou o papel e foi embora.”

5 – O SONO: LIBERTAÇÃO TEMPORÁRIA DO ESPÍRITO HUMANO

Temos para nós que a tarefa mais importante que Chico Xavier desempenhou não foi a psicografia de livros e mensagens, mas o trabalho invisível, principalmente durante o sono físico, no resgate de Espíritos no umbral e nas trevas.

Escrever é muito mais fácil que trabalhar com o puro poder mental, pois as palavras são materialidade, enquanto que o pensamento é a emanção elevada do Espírito.

O sono é a libertação temporária do Espírito para fazer o Bem ou o Mal, sendo que cada um escolhe seu caminho.

André Luiz descreve, nos seus livros da série “*Nosso Lar*” muitos episódios que retratam como isso se processa.

A ligação do Espírito com o corpo físico não é tão forte como alguns pensam, tanto que os Espíritos Superiores, como Yogananda, podem romper o elo fluídico e ocorrer a desencarnação sem nenhum problema.

Esse assunto é abordado no livro “*Remédio contra o Suicídio e outras Misérias Humanas*”, publicado na Internet em luizguilhermemarques.com.br e na Biblioteca Virtual Espírita.

Quando falamos, em outra parte deste livro, que as pessoas deveriam aproveitar a noite para dormir muitos podem ter estranhado, pensando que o tempo do sono é inútil, mas esses pensam na utilidade das realizações materiais, esquecendo-se de que somos Espíritos e que, se bem intencionados, utilizaremos o período de libertação temporária pelo sono para realizarmos espiritualmente, o que é muito mais importante que as construções puramente materiais.

Vejamos como essa consideração muda nosso foco, nossos objetivos de vida durante as reencarnações: não mais o imediatismo material, mas sim o progresso espiritual.

Esse será o foco dos homens e mulheres da Terra quando definitivamente elevado à categoria de mundo de regeneração.

5.1 – DURAÇÃO IDEAL DA LIBERTAÇÃO

Chico Xavier, por exemplo, dormia três ou quatro horas por dia, mas ele, como ser “*interexistente*”, pelo seu nível evolutivo, estava em contato permanente com as duas realidades: material e espiritual. Todavia, dependendo do tipo de trabalho que um Espírito Superior se programou para realizar quando reencarnado, pode ter de dormir um tempo maior.

O ideal, em termos de tempo de sono, deveria ser as doze horas do período noturno, porque, nesse espaço de tempo, o Espírito estaria liberto das amarras físicas e realizando muito no mundo espiritual.

Todavia, esse ideal está ainda muito distante das possibilidades atuais dos homens e mulheres da Terra. Enquanto isso, cada um deve fazer o melhor que puder, seja durante o sono, seja durante a vigília.

O ideal, todavia, como dito, seria a maior permanência possível em estado de desligamento do corpo físico.

Eurípedes Barsanulfo, por exemplo, se desdobrava a qualquer hora do dia ou da noite e realizava obras inusitadas, graças à sua elevação espiritual: isso é um equivalente à libertação parcial pelo sono.

5.1.1 – CHICO XAVIER: SER “*INTEREXISTENTE*”

Não somente Chico Xavier era “*interexistente*”, mas também Eurípedes Barsanulfo, Yvonne do Amaral Pereira e outros.

Os seres humanos caminham para esse nível, pois Jesus falou: “*E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos jovens terão visões, e os vossos velhos terão sonhos; (Atos 2:17) e também do meu Espírito derramarei sobre os meus servos e as minhas servas naqueles dias, e profetizarão;(Atos 2:18)*”

A tendência é a mediunidade generalizar-se, pois é o sexto sentido que todo ser humano traz em si, mais desenvolvido em uns e embrionário em outros.

Aconselhamos a leitura do livro “*Desenvolvendo o Poder Mental*”, publicado na Internet em luizguilhermemarques.com.br e na Biblioteca Virtual Espírita.

5.2 – UTILIDADE DO BANHO ANTES DE DORMIR

Atentemos para o seguinte trecho do livro *“Nosso Lar”*, de André Luiz: *“Dado o meu interesse crescente pelos processos de alimentação. Lísias convidou”*: *“– Vamos ao grande reservatório da colônia. Lá observará coisas interessantes. Verá que a água é quase tudo em nossa estância de transição”*.

Repisemos este trecho: *“Verá que a água é quase tudo em nossa estância de transição”*.

A água não é *“quase tudo”* apenas em *“Nosso Lar”*, mas também no mundo terreno. Paremos para refletir sobre isso, inclusive na limpeza do perispírito quando a mente sintoniza no Bem.

É pouco usual o banho antes do sono, mas sua utilidade se explica quando se reconhece que é conveniente o Espírito desligar-se temporariamente do corpo já um tanto liberto dos naturais miasmas psíquicos que se foram acumulando no período anterior àquele horário, pois é muito difícil alguém ficar imune às vibrações negativas.

Trata-se de uma proposta nova para a maioria das pessoas, uma vez que o hábito do banho diário não inclui, normalmente, o banho antes das pessoas se entregarem ao sono.

Todavia, deve-se esclarecer sempre que pouca serventia tem o banho em si, se não houver sintonia mental no Bem.

5.3 – ADAPTAÇÕES POSSÍVEIS NO “MUNDO CIVILIZADO”

A “*civilização*” ocidental tem seu estilo próprio, valorizando a tecnologia, a competição, em suma, as realizações materiais, porque a própria religiosidade tem muito do materialismo, ao contrário, por exemplo, da mentalidade indiana em geral, onde a espiritualidade está em primeiro lugar.

Assim, não há, praticamente, como alguém viver integralmente de forma ideal, segundo os padrões da Natureza em um país ocidental, pois quase tudo conspira contra isso.

Dessa forma, tem-se de optar, no caso de adesão ao estilo de vida natural, por uma forma intermediária, todavia, havendo certos pontos que são essenciais e, nesses, não há como haver meio termo: são eles a integração maior possível com os demais seres da Natureza (seres humanos, animais, vegetais e minerais), dormir cedo e acordar cedo, aperfeiçoar o pensamento através da oração e da mentalização e a vivência do Amor Universal, na maior amplitude possível

6 – SITUAÇÕES INCONVENIENTES NO PERÍODO NOTURNO

Mencionaremos, agora, algumas situações inconvenientes para o período noturno, pois são próprias apenas para o tempo em que a claridade natural solar energiza o corpo.

Enumeramos, todavia, apenas algumas, para não estender demais a lista, mas cada um pode analisar sua própria vida e verificar os pontos em que pode trabalhar por se adequar melhor à Natureza.

6.1 – TRABALHO PROFISSIONAL

Talvez a pior situação de todas seja essa: o trabalho profissional noturno, pois nele se consome enorme quantidade de energia, com a necessária sustentação da energia solar, que chega apenas através da fraca luz polarizada da Lua.

Quem precisa trabalhar à noite deveria pensar em outra forma de ganhar o pão de cada dia, pois sua saúde ficará prejudicada fisicamente e o próprio Espírito terá reduzido seu contato com o mundo espiritual, uma vez que lá também vigoram planejamentos e horários e a hora certa dos encontros lá é durante a noite.

6.2 – ATIVIDADES INTELECTUAIS

Quanta gente escolhe o período noturno para desenvolver estafantes atividades intelectuais, sabendo-se que cerca de setenta por cento do conteúdo alimentar se destina a sustentar as atividades cerebrais.

O horário ideal para os esforços intelectuais é durante o dia e não à noite.

6.3 – LAZER DESGASTANTE

Há muita gente que faz ginástica à noite, lotando as academias e ginásios esportivos, enquanto que outros passam a noite e a madrugada em bares, boates e outros ambientes desgastantes fluidicamente.

Esses todos envelhecem precocemente e antecipam sua desencarnação.

Há um período ideal para as atividades físicas, que é durante o dia e quanto aos bares, boates etc., sua psicosfera costuma não ser boa, principalmente onde se consomem bebidas alcoólicas, pois ali os obsessores desencarnados costumam aparecer a fim de tomar drinques vampirizando encarnados invigilantes.

6.4 – LUMINOSIDADE EXCESSIVA

O ideal é reduzir a exposição à luminosidade artificial durante a noite, pois o cérebro já está cansado pelas atividades normais do período diurno e sofre desgaste desnecessário sob o impacto da luminosidade fora de hora.

São estas algumas observações fáceis de se cumprir, caso haja real interesse em uma verdadeira melhor “*qualidade de vida*”.

6.4.1 – TELEVISOR NO QUARTO

Os empresários inventam necessidades que não existem e acabaram convencendo muita gente de que é absolutamente necessário ter um aparelho de televisão em cada dependência do lar, inclusive no quarto, sendo certo que irradiação da tela prejudica a saúde muito mais do que a maioria das pessoas imagina.

Mais um item negativo da “civilização”, todavia, que pode ser dispensado facilmente, se há interesse real na melhor “*qualidade de vida*”.

6.4.2 – EXPOSIÇÃO À LUMINOSIDADE DA TELA DE COMPUTADOR

Poucas pessoas dispensam, hoje em dia, o computador e muitas suprem a falta de amigos pela companhia da Internet, quando são estabelecidas “*amizades virtuais*” com todas as suas opções positivas e negativas.

Há quem passe muitas horas à frente da tela, recebendo irradiações nocivas para os olhos e o próprio cérebro.

Outra utilidade que deve ser repensada, pois é necessária a troca afetiva, é necessário o aperto de mão, é necessário o abraço, é necessário o contato físico, é necessária a convivência “*de carne e osso*”.

“*O ser humano se alimenta de Amor*”: diz Joanna de Ângelis.

6.4.3 – EXPOSIÇÃO Á IRRADIAÇÃO DOS CELULARES, APARELHOS DE MICRONDAS, APARELHOS DE AR CONDICIONADO ETC.

Pensem nisso.

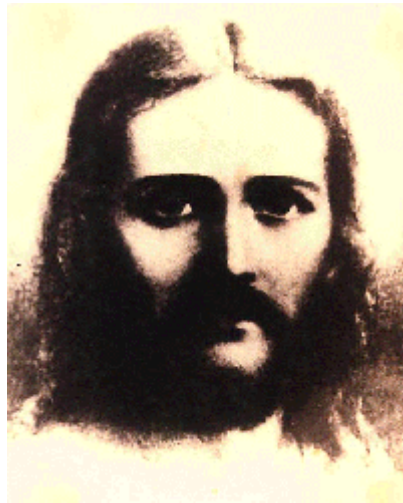
6.4.4 – ALIMENTAÇÃO INDIGESTA, BEBIDAS ALCOÓLICAS ETC.

O que se pode argumentar em favor desses vícios, senão que somos corpos e não Espíritos? É o materialismo declarado ou disfarçado.

6.5 – FALTA DE CONTATO COM A NATUREZA

Morando em apartamentos com insuficiente insolação e aeração, não pisando descalço na terra e na grama, não convivendo com animais e, muita gente, tendo “*alergia a gente*”, como pode ser diferente o quadro atual de doenças, vícios, desajustes psicológicos etc. etc.?

É preciso cada um repensar sua própria vida já que é mais difícil convencer os construtores, empresários, governantes, juristas etc.



(verdadeiro retrato de Jesus, materializado por Sathya Sai Baba e divulgado por Divaldo Pereira Franco em palestra sobre esse missionário indiano)

FIM